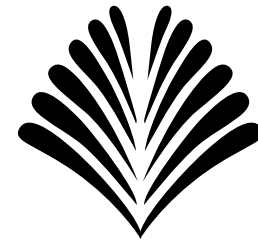




WIT
ENSAIOS HUMORÍSTICOS

Robert Benchley

Wit
ENSAIOS
HUMORÍSTICOS



Tradução de
Júlio Henriques

Prefácio de
Ricardo Araújo Pereira

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M X

ÍNDICE



II	PREFÁCIO de <i>Ricardo Araújo Pereira</i>
15	De novo na fila de espera
20	Os verdadeiros inimigos públicos
25	Que horas são?
30	Lembranças de...
35	Desafiar as convenções
40	Má vontade entre os homens
44	Algumas palavras a respeito da febre dos fenos
48	Diminuição dos pequenos ruídos
52	A verdade acerca dos temporais
57	Revolução Artística n.º 4861
61	A vida desportiva na América: os banhos turcos
67	Um pequeno sermão sobre o sucesso
71	Como faz o cãozinho
76	«Táxi — até que enfim!»
80	Pistas reveladoras
84	A vida desportiva na América: a soneca
90	Dar uma ajuda
94	O anúncio de uma nova vitamina
99	Vício inerente pago via expresso
104	Podemos crer nos nossos olhos?
109	Problemas de areia
113	O naufrágio do jornal de domingo
116	O grande afluxo de turistas à América
121	O espião de enguias
125	De que são feitos os rapazinhos?
129	O meu plano quinquenal (ou talvez sexenal)

© 2010, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *72 Timeless Stories of Wit,
Wisdom & Whimsy*
Autor: Robert Benchley
Ilustrações: Peter Arno, Herbert F. Roese e M.B. Alenshire
Tradução: Júlio Henriques (com a colaboração
de Linda Christina Schroeder)
Prefácio: Ricardo Araújo Pereira
Coordenador da colecção: Ricardo Araújo Pereira
Revisão: Tinta-da-china
Capa: Vera Tavares
Composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Junho de 2010
ISBN 978-989-671-030-9
Depósito Legal n.º 310830/10

133	O mistério do arenque envenenado	304	Quando o Estado se arma em paizinho
137	O seu filho e o cãozinho dele	307	Em fila!
141	O grande problema do carvão	312	A vida desportiva na América: observar
145	Os soluços fazem engordar	317	Suplemento especial de antropologia
150	Os queridos velhos tempos das refeições de hotel	322	Uma viagem à terra dos espíritos
155	«Salve-se quem puder!»	327	Uma volta ao mundo com o boleiro cigano
161	Como eu crio	331	Os sinos da escola
166	Que se passa com a Europa?	336	A volta ao mundo às avessas
171	História das cartas de jogar	341	Para a comissão de festas
176	As belas guloseimas do passado	347	O regresso da bicicleta
181	Mais trabalho pela frente	352	O que lê o seu filho?
186	Átomo, homem!		
190	Curso breve sobre política mundial	357	NOTA BIOGRÁFICA
195	Imaginação na casa de banho		
200	«A segurança em segundo lugar»		
204	Homem do futuro: árvore ou mamífero?		
208	«Lá vão eles!»		
215	A nossa vida nos noticiários		
221	Abaixo os pombos		
226	A vida desportiva na América: seguir o carregador		
231	Redija a seguinte carta, por favor		
236	«Vamos dar o máximo!»		
243	Boa sorte, e vê lá se consegues		
248	Serpentes marinhas: mito ou mitomania?		
252	Esmaguemos o tchato-tchato!		
257	O problema do caminho-de-ferro		
262	«Como já estou habituado...»		
267	Contos felizes da infância		
271	Contos de um agente de seguros		
275	As pinturas murais de Pincus		
279	Como vão os negócios?		
284	Desvendamento dos faquires indianos		
289	Banquetes da treta		
294	Risos e aplausos		
299	Em primeiro lugar, apanhar o criminoso		

PREFÁCIO
de Ricardo Araújo Pereira

A autobiografia de Groucho Marx é dedicada a «seis mestres sem cujas palavras sábias e espirituosas a minha vida teria sido ainda mais aborrecida»*. O primeiro nome dessa lista de mestres é o de Robert Benchley. A palavra que traduzi ali por «espirituosas» é, no original, «*witty*», e o significado de *wit*, impossível de verter competentemente (ao menos, por mim) para uma só palavra portuguesa, compõe um retrato completo do autor e da sua obra. Benchley e as centenas de textos que escreveu são inteligentes, vivos, sofisticados, elegantes, subtis, mordazes, cómicos — enfim, numa palavra, *witty*.

Este livro reúne um conjunto de textos a que chamámos «ensaios humorísticos», designação que, tendo em conta a relativa má reputação do humor e dos humoristas pode, à primeira vista, constituir um oxímoro. E, no entanto, é de ensaios humorísticos que falamos aqui — até porque, além de tudo o mais, Benchley foi uma espécie de enciclopedista do humor. A sua produção é tão vasta e variada que parece não ter sobrado nenhum tema no qual ele não tenha detido um olhar humorístico: quer os temas mais fáceis e acerca dos quais toda a gente tem uma opinião (como a morte, o amor ou a guerra), quer os temas mais difíceis, e sobre os quais — não por acaso — os filósofos têm tido mais relutância em reflectir (como a febre dos fenos, as enguias ou as casas de banho). O seu amigo James

* Groucho Marx, *Groucho and Me*, Da Capo Press, 1995.

Thurber diria que um dos maiores medos de qualquer humorista era passar três semanas a trabalhar numa ideia e depois descobrir que Benchley já tinha feito o mesmo mas melhor e mais depressa.

A melhor e mais reveladora biografia de Benchley talvez seja aquela que o próprio escreveu: «Robert Charles Benchley nasceu na Ilha de Wight a 15 de Setembro de 1807. Embarca como grumete no navio Florence J. Marble em 1815. Preso por bigamia e homicídio em Port Said em 1817. É libertado em 1820. Escreve *Um Conto de Duas Cidades*. Casa com a princesa Anastácia de Portugal em 1831. Descendência: Príncipe Rupprecht e várias meninas. Escreve *A Cabana do Pai Tomás* em 1850. Dirige o *Godey's Lady's Book* entre 1851 e 1856. Começa *Les Misérables* em 1870, terminado por Victor Hugo. Morre em 1871. Sepultado na Abadia de Westminster.» É sucinta, informativa e completamente falsa. Pouco antes de morrer, Benchley terá confessado a Harold Ross, director da *New Yorker*: «Não sou um escritor, não sou um actor. Não sei o que sou.»

Talvez para os outros fosse mais fácil defini-lo. Em 1935, o homem que não se considerava actor ganhou o Óscar de Melhor Curta-Metragem Documental pelo filme «*How to Sleep*», que escreveu e interpretou. E o homem que afirmava não ser escritor sempre foi apontado como a referência mais importante para contemporâneos seus como James Thurber, Dorothy Parker e S. J. Perelman, ou para contemporâneos nossos como Dave Barry e Woody Allen. É possível que a melhor apresentação de Robert Benchley seja esta: foi um humorista a quem os mestres chamavam mestre. Não é para todos.

Ensaio Humorísticos



DE NOVO
NA FILA DE ESPERA

No país que a bem dizer tem a má fama de andar numa constante azáfama e numa permanente correria, gastamos uma enorme porção de tempo em pé diante de montras, simplesmente à espera. Tudo isso estaria muito bem se fôssemos camponeses espanhóis, se soubéssemos arranhar as cordas de uma guitarra e cantarolar de lábios fechados ou insultar-nos na fila uns aos outros, ou então se fôssemos indianos capazes de ficar de pernas cruzadas, de olhos arregalados fitando o espaço durante horas. De camponeses espanhóis ou de indianos não se espera outra coisa, visto eles terem sido suficientemente inteligentes para estabelecer a seu respeito a fama de serem dados a uma pitoresca letargia.

Na América, porém, edificámos a nossa própria reputação com base na rapidez e numa grande actividade, sendo hoje conhecidos em todas as latitudes como a nação mais impetuosa do mundo. Por isso, ao passarmos uma hora numa fila, em grupos de cinquenta, à espera de que chegue a nossa vez, de pé, transferindo o peso do corpo de um pé para o outro, lendo pela enésima vez, num velho jornal, notícias relativas às entradas e saídas dos navios e receitas de culinária, limitamo-nos a fazer figura de parvos.

Na sua maioria, esta permanência nas filas de espera acontece por culpa do governo, tal como todas as restantes coisas ruins da nossa vida nacional acontecem por culpa do governo, inclusive os ferimentos com pedras e os sapatos apertados. Teríamos imenso tempo para andar por aí numa correria, como

deveríamos, se o governo não exigisse que quinhentos de nós fiquem nas filas de espera aguardando que dois funcionários pesem as nossas cartas, marquem com dedadas os espaços em branco do imposto sobre o rendimento, tirem à pressa a nossa roupa feita por medida ou nos ergam as pálpebras. Por vezes, é claro, ficamos na fila de espera para ir ver um jogo da bola ou para comprar um bilhete de comboio, mas isso é da nossa exclusiva alçada, e com o tempo acabamos por ganhar juízo para deixar de ir a jogos da bola ou para viajar de comboio.

No tocante às filas de espera, as estações do Correio dos Estados Unidos são uma das áreas mais populares. Segundo estimativas, seis décimos da população americana passam toda a vida nas filas do Correio. Quando verificamos que não são tomadas quaisquer providências com vista à sua alimentação e dormida ou ao seu progresso intelectual enquanto ficam na fila, percebemos por que motivo seis décimos da população americana apresentam um ar tão maldisposto e enfermício. O mais assombroso é estas pessoas terem coragem para continuar a viver.

Um tal congestionamento nas estações do Correio deve-se àquilo que é tecnicamente conhecido pelo nome de «regulamentos», os quais, na realidade, são uma espécie de acrósticos e anagramas concebidos por alguns dirigentes que uma bela noite se reuniram à roda de uma mesa e tentaram ser divertidos. «Ora ouçam esta piada, que é mesmo boa!», terá um deles provavelmente exclamado. «Vamos tornar obrigatório que os embrulhos sejam feitos com um papel que tenha a marca de água do brasão de Napoleão. Os utentes só o saberão ao chegarem ao guichê, não havendo pois o perigo de virem apetrechados com esse género de papel. Terão portanto de se ir embora com a trouxa, encontrar papel com a marca de água do brasão de Napoleão (coisa de que nunca ouvi falar), voltar a fazer o pacote, voltar ao Correio e ficar novamente na fila de espera. Que me dizem a isto?» O projecto terá provavelmente atirado o pequeno grupo de dirigentes para um tal pé-de-vento de hi-

laridade, que se viram obrigados a interromper a reunião e a pedir mais umas garrafas de White Rock.

Não me venham dizer que os regulamentos do Correio (sem falar dos da Alfândega e das Finanças) foram feitos tendo em mente outra coisa que não a confusão geral. Para quem manda, é seguramente motivo de grande contrariedade pensar que há muita gente capaz de colar um selo numa carta e de pôr uma carta na caixa do Correio sem qualquer dificuldade ou sofrimento. Neste preciso momento, eles estão provavelmente a resolver o problema, tentando conceber uma qualquer forma de o público ser obrigado a preencher um espaço em branco, ficar de pé na bicha, consultar um subordinado que remeta o assunto para um superior, e depois passar as passas do Algarve antes de poder deitar uma carta no correio. E também cifrarão tudo isso, como sempre.

Mas agora o seu principal divertimento consiste em torturar os desgraçados que têm de enviar um pacote pelo Correio. E, com o Natal à porta, devem estar a lamber os beiços de satisfação, antevendo os pormenores. Embora as resmas de facturas por pagar sejam, a bem dizer, a única coisa que toda a gente irá enviar este Natal, para a repartição do Correio isso não faz diferença nenhuma. Qualquer pacote serve e nós temos de pagar por ele.

Não seria má ideia que todos nós, que passámos pela prova de fogo, nos juntássemos e defraudássemos os recursos dos dirigentes, enviando listas de instruções (baseadas na nossa própria experiência) a todos os nossos amigos para lhes dizer com rigor como devem acautelar-se antes de se porem numa fila de espera. Será o leitor capaz de imaginar a expressão que se estamparia no rosto do empregado do Correio se todas as pessoas de uma fila de espera chegassem ao respectivo guichê com o embrulho feito com tanta correcção que não haveria a mais leve falha a apontar-lhe? Esse funcionário acabaria certamente por se matar, para não ter de enfrentar os seus superiores, confessando-lhes que não mandara nenhum utente para

trás, para voltar a fazer o pacote. E se os seus superiores também se matassem, isso em nada diminuiria a alegria da época natalícia.

Eis, pois, as coisas que aprendi nas minhas variadas idas ao Correio. Se o leitor me fizer chegar as suas e encontrar dez amigos que redijam uma vigorosa exposição das suas experiências, ainda podemos opor-nos ao velho governo.

Os pacotes a enviar para o estrangeiro pelo Correio têm de obedecer aos seguintes requisitos:

1. Devem ser embrulhados em pequenos volumes separados, não podendo cada um deles pesar mais do que uma libra e sete oitavos (Padrão Horário do Leste). Cada pacote deve ser atado com fita azul e com um nó catau (qualquer marinheiro com quinze anos de experiência poderá ensinar-nos a fazer o nó catau).

2. O endereço tem de ser realçado a azul e reforçado graças à inserção de uma faixa azul, não inferior em largura a três oitavos de polegada e não superior a cinco oitavos de polegada (como é óbvio, não exactamente quatro oitavos ou metade); de contrário, o utente será obrigado a ficar na estação do Correio e a escrever o endereço cem vezes, após o fecho desta.

3. O pacote, independentemente do seu tamanho, deverá ser mais pequeno.

4. O pacote, independentemente do seu tamanho, deverá ser maior.

(Para nos opormos ao funcionário no tocante a estes dois últimos pontos, será necessário levarmos pacotes de todos os tamanhos, dissimulados numa bolsa a tiracolo.)

5. A pessoa que enviar um pacote pelo Correio tem de aproximar-se do guichê com o pacote na mão direita, estendida para o funcionário à distância de trinta centímetros do corpo, devendo levar na mão esquerda, ao mesmo tempo, um raminho de lírios silvestres com os seguintes dizeres: «Ao Correio dos Estados Unidos, com todo o afecto de [nome do remetente].»

6. A isso acrescentar-se-á depois o ritual a seguir indicado. Se o remetente se desviar desse texto numa única palavra, ficará sujeito a passar um ano em Leavenworth* ou ambos :

Pergunta do Funcionário: Quer enviar um pacote?

Resposta do Remetente: Não, senhor.

P.: O que pretende fazer?

R.: Não me importa muito, desde que fique ao pé de si.

P.: Gosta de jogar ao jogo do galo?

R.: Sou doido por isso.

P.: Muito bem. Não vamos jogar a esse jogo.

R.: Não estará por acaso a ser um pouco mesquinho?

P.: Está a criticar-me?

R.: Desculpe.

P.: Já não era sem tempo. Diga lá o que quer.

R.: Estar consigo, meu querido.

P.: Amanhe-se. Que traz aí na mão?

R.: São flores para si, meu querido.

P.: Isso vejo eu. É na outra mão?

R.: Não digo.

P.: Dê-me cá isso!

R.: Não vai gostar...

P.: Dê-me cá isso imediatamente!

Com relutância, o remetente entrega-lhe o embrulho.

P.: Que quer fazer com isto?

R.: Levá-lo para casa e embrulhá-lo outra vez nas devidas condições.

P.: Vai é deixá-lo aqui, e nada de repontar.

R.: Ai, por favor, devolva-mo! Por favor, por favorzinho!

P.: Nem pensar. Vai deixá-lo aqui e eu vou expedi-lo já.

E bico calado!

A solução, o remetente sai do guichê. E o funcionário, para que não restem dúvidas, expede o pacote.

* Penitenciária federal de máxima segurança (até 2005), só para homens, situada em Leavenworth, no Kansas, criada em 1903. (N. de t.)

NOTA BIOGRÁFICA

ROBERT BENCHLEY nasceu a 15 de Setembro de 1889, em Worcester, Massachusetts. Licenciou-se na Universidade de Harvard em 1913. Foi aqui, aliás, que iniciou a carreira jornalística — colaborando com as publicações *Harvard Advocate* e *Harvard Lampoon* — e foi também aqui que o seu estilo humorístico começou a distinguir-se.

Benchley tornou-se famoso pelas declarações falaciosas e ficcionais acerca da sua própria vida. Sabe-se, no entanto, que se casou em 1914 com Gertrude Darling, sua companheira até ao fim da vida, e que tiveram dois filhos. Trabalhou como editor, colunista e crítico de teatro e de literatura nas revistas *The New Yorker*, *Life* (James Thurber afirmou que a *Life* apenas tinha leitores por causa dos textos de Benchley) e *Vanity Fair*. A colaboração com a *Vanity Fair* iniciou-se em 1916, quando Benchley concorreu ao lugar deixado vago por P.G. Wodehouse, e aqui trabalhou com Dorothy Parker e Robert Emmet Sherwood, com os quais desenvolveu grande cumplicidade e formou o Algonquin Round Table (aludindo ao nome do hotel onde se juntavam para lautos almoços). Foi autor de inúmeros contos para publicações de renome e de vários livros, de entre os quais se destacam *Of All Things*, *My Ten Years in a Quandary* e *Benchley Beside Himself*. Os ensaios humorísticos e absurdistas de Benchley influenciaram os grandes humoristas contemporâneos. Para além disso, o autor distinguiu-se pela sua participação em curtas-metragens satíricas, como argumentista, realizador e actor. Assinou também diversos contratos com as produtoras MGM e Paramount, tendo interpretado papéis de relevo em filmes como *You'll Never Get Rich* e *The Sky's the Limit*, protagonizados por Fred Astaire. Devido às constantes solicitações cinematográficas, Benchley abandonou a escrita definitivamente em 1943. A sua definição de humor era lacónica e despojada: «Qualquer coisa que faça as pessoas rirem.»

Robert Benchley morreu a 21 de Novembro de 1945, devido a complicações causadas pelo alcoolismo.